

# A arquitetura de Niemeyer

José Adirson de Vasconcelos

A arquitetura de Brasília inspirou-se no desejo de se encontrar, segundo o próprio Oscar Niemeyer, uma forma clara e bela de estrutura que definisse e caracterizasse os seus principais edifícios - os palácios propriamente ditos - dentro de um critério de simplicidade e nobreza, indispensável numa cidade-capital.

Niemeyer preocupou-se em que os palácios se constituíssem em "qualquer coisa de novo, diferente e que fugisse à rotina em que a arquitetura moderna ia melancolicamente se estagnando".

Objetivá, assim, oferecer a quem os visse pela primeira vez, "uma sensação de surpresa e emoção que engrandecesse e caracterizasse" a nova Capital brasileira como "mensagem permanente de beleza e audácia, de graça e poesia" pelo que representa de novo e criador.

Nisso, lembrou-se do Palácio dos Doges, da Catedral de S. Marcos, ambos na Praça de S. Marcos, na Itália.

Muito embora seu estilo tenha recebido influências, a arquitetura de Niemeyer não tem compromissos com escolas que reduziria o seu trabalho "a uma simples repetição de formas", segundo fez sentir certa ocasião. Concebeu um estilo arquitetônico que "não constitui uma simples questão de engenharia, mas uma manifestação do espírito, da imaginação e da poesia".

Ao planejar os edifícios de Brasília, o arquiteto procurou colocar diante de si três problemas diferentes e encontrar, para eles, uma solução. Esses problemas foram, conforme ele próprio confessou, os seguintes: o do prédio isolado, livre a toda imaginação, conquanto exigindo características próprias; o do edifício monumental, onde o pormenor plástico cede lugar à grande composição; e, finalmente, a solução de conjunto, que reclama, antes de tudo, unidade e harmonia. Joaquim Cardozo foi o seu engenheiro calculista.

O ponto culminante da nova Capital, no aspecto arquitetônico e urbanístico, está na Praça dos Três Poderes, onde se situa o conjunto de edifícios destinados aos Poderes fundamentais do Brasil, que, segundo Lúcio Costa, sendo em número de três e autônomos, encontram-se situados num triângulo equilátero, localizando em cada ângulo, um edifício: o Planalto (Executivo) e a Justiça (Supremo Tribunal Federal) ficaram na base, e o Congresso no vértice, este com frente para uma ampla esplanada disposta num segundo terrapleno, de forma retangular e nível mais alto, de acordo com a topografia local. Essa disposição mereceu do Amâncio William, arquiteto argentino, a seguinte observação: A Praça dos Três Poderes possui um grande encanto pela simplicidade como foram colocados os seus edifícios.

No Palácio do Congresso, Niemeyer teve a intenção de dar ao edifício um caráter monumental em contraste com a imensa superfície plana (tapete verde) da Esplanada dos Ministérios, permitindo, ao mesmo tempo, uma visão ampla dos outros edifícios baixos (o Palácio do Planalto e o da Justiça) que compõem a Praça.

Quando planejou os plenários da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, em forma de cúpula, no edifício do Congresso, o artista procurou dar-lhes um objetivo plástico de maior ênfase, situando-os em monumental esplanada, onde suas formas se destacam como verdadeiros símbolos do Poder Legislativo. Niemeyer quis, neste edifício, aplicar todos os elementos fundamentais do seu estilo. É possível que tenha sido o prédio que construiu com maior carinho.

Intermediando as duas cúpulas (e um pouco recuado), um edifício de 28 andares, destinado aos serviços de Secretaria das duas Casas legislativas, quebra o que seria a monotonia da construção horizontal dos outros prédios para, num vão vertical, erguer-se rumo aos céus.

Richard Neutra, famoso arquiteto austríaco, naturalizado norte-americano, observando o edifício do Congresso Brasileiro disse que "quando olhamos para o edifício alto e as duas cúpulas, o que temos não é uma impressão meramente visual; o que é importante é a impressão de equilíbrio, que vem do centro de nossos ouvidos".

Os edifícios do Palácio do Planalto e do Palácio da Justiça muito se assemelham pela repetição dos elementos estruturais - as Colunas, que caracterizam a nova arquitetura criada com Brasília. Contudo, distinguem-se um do outro, porque no "Planalto" as colunas se mostram de frente para a Praça, enquanto na "Justiça" elas ficam de perfil, ou seja, situadas nas laterais, esquerda e direita, do edifício. Essa simples modificação enriqueceu o aspecto plástico, que se tornou mais variado.

O Palácio do Planalto se destina aos despachos (também é chamado Palácio dos Despachos) do Presidente da República. Funcionam, no mesmo edifício, os serviços burocráticos e as Casas Civil e Militar da Presidência.

O Palácio da Justiça - que abriga a mais alta Corte de Justiça do País, o Supremo Tribunal Federal - oferece uma diversificação de aspectos, sempre que observado de novo ângulo.

Na construção dos prédios ministeriais, desejou o arquiteto que os Ministérios se sucedessem numa "repetição disciplinada" como sentido de unidade e igualdade, ao longo de uma esplanada que termina numa praça - a Praça dos Três Poderes -, rica de formas e, ao mesmo tempo, sóbria e monumental.

A noite, a iluminação férrea destaca a "arquitetura branca" dos prédios monumentais, "como que flutuando na imensa escuridão do Planalto", tornando, assim, mais nítidas a leveza e a originalidade da criação do arquiteto, que desejou-a "funcional, mas antes de tudo, bela e criadora para permitir "uma atmosfera de extase, sonho e poesia".

Contemplando o conjunto de edifícios da Praça dos Três

Poderes, o arquiteto alemão Will Grohamann disse: Aqui se encontram arte e arquitetura; Niemeyer é mais romântico aqui do que nunca o foi.

No setor urbano das Asas Norte e Sul, Niemeyer procurou evitar a repetição das formas que representam os prédios governamentais; na Praça dos Três Poderes. Para os prédios residenciais criou novas formas e disciplinou-as para "preservar a unidade do conjunto".

Tanto nos prédios governamentais como em muitos outros, Niemeyer, muito embora tenha dado à sua criação formas próprias e inéditas, não se desvinculou do nosso passado histórico, adaptando à originalidade do seu estilo, feições da "velha arquitetura do Brasil Colonial", conforme confessa.

Nos alpendres e nas colunas dos palácios do Planalto, da Justiça e da Alvorada (este cinco quilômetros da Praça dos Três Poderes e servindo de residência presidencial), recordam-se as características típicas da nossa Arquitetura Colonial de que nos fala Gilberto Freire, descrevendo as construções residenciais (e religiosas) do Brasil do Século XVII. Os alpendres das "casas-grande" deixaram de ser de telhas, com acentuado caimento, para ganhar, nos palácios de Brasília, a estrutura de concreto-armado e em sentido horizontal (sem caimento), em virtude dos recursos dos tempos modernos. Exemplos de grandes alpendres encontramos em profusão, em todos os palácios brasilienses: no Alvorada, no Planalto e no Supremo Tribunal. Grandes alpendres, em Brasília, temos, também, até em igrejas, como acontecia nos séculos dezesesseis e dezessete, no Brasil, segundo o testemunho do Mestre de Apíucos ao relatar a existência de "igrejas do interior com alpendre na frente ou dos lados como qualquer casa residencial" da época. Essa prova está na Igrejinha de Fátima, planejada por Niemeyer, à Avenida W-1.

Temos no Palácio da Alvorada outro costume próprio das "casas-grande" do Brasil Colonial, quando "a capela era uma puxada da casa", segundo, ainda, o sociólogo pernambucano. O Alvorada tem uma capela-anexa.

Voltando aos alpendres, observa-se que a maioria das casas da Avenida W-3 tem alpendres, embora pequenos e sem colunas; a maioria dos apartamentos tem "blise-soleil", que, embora sem a finalidade precípua do alpendre, tem, porém, uma de suas finalidades: quebrar o sol.

Os "arcos" do Palácio do Itamarati, projetados também por Niemeyer, são uma lembrança dos Arcos de Santa Teresa, na Guanabara, construídos há dois séculos.

A maior prova da ligação de Niemeyer com o nosso passado colonial, no campo da arquitetura, reflete-se no seu gesto construindo sua residência com os mesmos traços das "casas-grande". Essa fonte de inspiração do famoso artista deu à arquitetura de Brasília, com suas linhas reconhecivelmente modernas e avançadas, um toque de brasilidade, lembrando o traçado típico da fase colonial.

As colunas palacianas, que hoje são símbolo de uma "Nova Arquitetura" o identificam Brasília em todo o mundo, perderam as formas "cilíndricas e retangulares" que possuíam nas "casas-grande" e depois na maioria das construções de até os nossos dias, para ganhar "aspectos novos e inesperados", com as extremidades em vértice e "sequência de curvas harmoniosas". Essas colunas perderam aquele sentido "inerte e estático" de sustentáculos do prédio ao solo, para emprestar ao edifício "maior leveza, situando-os como que soltos ou apenas suavemente pousados ao solo".

Ao projetar as "Colunas de Brasília", Niemeyer dedicou a elas "a maior atenção, estudando-as cuidadosamente nos seus espaçosamentos, forma e proporção, dentro das conveniências da técnica e dos efeitos plásticos" desejados, que levaram-no "a uma solução de ritmo contínuo e ondulado, que confere à construção leveza e elegância".

A construção das colunas do Alvorada (as primeiras construídas) nasceu do desejo de Niemeyer de adotar no palácio residencial princípios de pureza e simplicidade que, no passado, caracterizaram grandes obras de arquitetura. Para isso, procurou evitar as soluções ricas de forma e de elementos construtivos para conceber uma "beleza que decorresse das proporções da própria estrutura" do Palácio. A decoração do Alvorada, principalmente o mobiliário, é de autoria de Ana Maria Niemeyer, que ao planificar os elementos decorativos, teve como preocupação básica "harmonizá-los com a arquitetura", segundo revelou.

Assim como os "Muros" foram a característica da arquitetura do Renascimento, hoje as "Colunas" dos edifícios projetados por Niemeyer são um símbolo de Brasília e mais que isso, um símbolo da "Nova Arquitetura".

Os segredos da arte de Niemeyer são, no entender de Lúcio Costa, a habilidade e a clareza com que organiza as linhas gerais da composição, seja na planta, no corte ou na fachada, e a segurança com que seleciona, purifica e leva à sua forma final cada parte do edifício.

Niemeyer revelou o seu talento artístico após ter trabalhado três meses, em 1936, sob a orientação direta do arquiteto francês Le Corbusier (Charles Edouard Jeanneret). A partir dessa experiência, o arquiteto brasileiro passou a imprimir, segundo Lúcio Costa, às formas básicas um novo e surpreendente significado, criando variantes e novas soluções com o uso de elementos plásticos locais, cuja graça e requinte eram até então desconhecidas na Arquitetura Moderna.

Uma plêiade do arquiteto brasileiro seguiu a nova concepção arquitetônica lançada por Niemeyer o que culminou com os seus trabalhos em Brasília, onde encontrou colaboradores que integraram o que chamou de "a sua equipe", assim constituída: Italo Compofiorito, Glauco Campelo, Hauro Steves, Sabino Barroso, Glauss Estelita e José de Sousa Reis.

Quando Jean-Paul Sartre esteve no Brasil e ao contemplar os trabalhos de arquitetura, deteve-se na admiração das "colunas" que lhes deu a impressão de que os edifícios eram sustentados e envolvidos "pelo jogo plástico de um leque" que os situavam "suspensos, leves sem pousar no chão."